

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER RETRATADA EM CONTOS DE MARINA COLASANTI E DALTON TREVISAN

FERNANDES , Vania Elizabeti Jardim ¹

SCHARDONG, Rosangela²

RESUMO

Perceber a presença da mulher na literatura, no que se refere à temática abordada em diversos gêneros literários, implica também na observação do papel que ela assume diante do trato peculiar que lhe é dado por cada autor. Em diversas situações o que se pretende através da literatura é analisar um mundo feminino o que possibilitará a compreensão deste universo da mulher, com suas aptidões, desejos, angústias, sonhos, habilidades, problemas, conflitos, violência dentre outras características que a delineiam como ser individual, coletivo, social, político e histórico que a humanizam. O estudo realizado analisa textos literários, especificamente contos, que retratam a figura da mulher inserida no contexto social e enfatiza especificamente a violência sofrida pela figura feminina, tanto no aspecto físico, quanto no psicológico, mostrando-a submissa ao gênero masculino na maioria das vezes. Para tanto, a busca dos autores: Marina Colasanti, com os contos *Porém igualmente* e *Para que ninguém a quisesse*, e Dalton Trevisan, em *O estripador* e *Penélope*, viabilizará a construção de conceitos, de modo que melhor se identifique essa retratação da mulher e a condição social vivenciada pela mesma. O estudo sobre a representação da violência contra a mulher na literatura nos leva a um aprofundamento teórico bibliográfico e, principalmente, essas leituras nos oportunizam uma maior reflexão e consciência na formação de condutas acerca do papel da mulher e valores condizentes com prevalência da igualdade de gêneros na sociedade moderna.

Palavras-chave: violência; mulher; machismo; contos .

¹ Graduando Universidade Estadual de Ponta Grossa – Curso: Letras Português/ Espanhol

² Professora Orientadora OTCC - Universidade Estadual de Ponta Grossa – Curso: Letras Português/ Espanhol

Ao analisar a literatura contemporânea, observa-se que a presença da mulher é constante, sendo que muitos escritos literários tratam de perfis femininos e se destinam a compreendê-los. Com a mesma finalidade encontram-se estudos em vários campos, como sociologia, história, psicanálise etc., que implementam em suas pesquisas questões relativas à figura feminina em busca de avaliar e compreender o seu papel e sua evolução na sociedade, no decorrer dos tempos.

Há normalmente em narrativas o registro de uma relação social de dominação pela figura masculina, que por vezes é considerada natural através de justificativas que levem em conta as relações do gênero onde, para o homem, não necessitaria caracterizar um valor que já está expresso e determinado pela sociedade . De acordo com esta visão e a fim de analisar a evolução dos papéis masculino e feminino há diversos estudos que além de retratar o papel da mulher no passado e na atualidade, estuda as relações homem/mulher na sociedade. Através destas pesquisas é possível perceber aspectos que ajudam a compreender melhor o meio social e a identificar certas posturas feministas e machistas implícitos ou explícitos na literatura ao longo da história.

Além dos textos que são objeto deste estudo, muitos outros escritores brasileiros descrevem a condição feminina no Brasil, retratando sob diversos aspectos a condição social da mulher e suas atitudes comportamentais decorrentes das suas relações familiares, afetivas, trabalhistas entre outras. Tal constatação motiva este estudo da representação feminina em diversos contextos e a comparação entre os autores que se dedicam a esta temática, considerando que a fazem de forma diferenciada, não apenas referente ao tratamento dado a cada figura feminina, mas também com relação à estrutura e linguagem utilizada em cada narrativa.

Ao destacamos a importância de se utilizar dos contos com suas personagens fictícias para uma análise da condição feminina no decorrer dos tempos deve-se considerar que isso não pretende se ater apenas aos detalhes que caracterizam os perfis femininos, mas também aos demais elementos que compõem estas histórias.

De acordo com o artigo *A Moça Tecelã: uma voz dissonantemente transgressora* de Andressa Teixeira Pedrosa “aproveitar-se da estrutura oficial da narrativa mais é uma estratégia para demonstrar inúmeros signos utilizados ao longo das gerações como formas de ocultamento do feminino do que uma reafirmação do imaginário falocêntrico”. Esta constatação nos leva a refletir sobre a importância da participação feminina nas produções existentes bem como a construção de suas identidades ao longo da história, de forma que puderam torna-se objeto de observação e análise .

Tendo em consideração tais parâmetros, neste trabalho se efetivará uma análise sistemática do tema em questão construindo um paralelo entre a violência física e a violência psicológica sofrida pela mulher a fim de observar de que forma a violência atinge o universo feminino das personagens selecionadas, bem como as reações e as consequências deixadas em cada situação.

Há, de forma clara, o apontamento de características da violência física e sexual sofrida pela mulher no mini conto de Marina Colasanti *Porém igualmente* e em *O estripador* do escritor paranaense Dalton Trevisan. Percebemos nestes contos toda a fragilidade e impotência feminina diante da exploração física, o que alicerça este estudo no que diz respeito à submissão diante do poder masculino.

Além destes, analisamos os contos *Penélope*, de Dalton Trevisan, e *Para que ninguém a quisesse*, de Marina Colasanti. Selecioneamos esta autora especialmente, por ter tido, através de seus textos, uma atuação importante no sentido de orientar e dar uma consciência às mulheres brasileiras quanto à sua condição.

Nas narrativas selecionadas observamos que os autores trazem à luz a representação da violência psicológica e/ou simbólica presentes nos relacionamentos humanos. Sobre este tema, afirma o sociólogo:

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] (da) submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias [...] simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2007, p. 7).

Em conformidade com as conclusões de Bourdieu, destacaremos nos contos selecionados que há opressão, manipulação e imposição de poder masculino sobre a figura feminina e que esta pode ser motivada pelo sentimento de ciúme excessivo. Pode também estar associada ao fato de o marido sentir-se o dono da esposa, o seu provedor e nesta condição sentir-se no direito de dominar a situação de modo que tenha suas vontades atendidas.

Nesse sentido, Geraldo Luiz da Silva ressalta também em seu artigo que:

A violência contra a mulher encontra justificativa em normas sociais baseadas nas relações de gênero, uma vez que a sociedade reforça uma valorização diferenciada para os papéis masculinos e femininos. (...) A imposição de poder e controle sobre uma companheira ou parente são comportamentos comuns que existem antes da violência física. Esses comportamentos, os quais são formas de violência contra a mulher, incluem as ameaças, a intimidação, o abuso emocional e sexual, imposição do domínio masculino, entre outras como, por exemplo, o não afastamento do lar por dependência financeira (Violência doméstica e familiar contra a mulher, 2008).

Com o intuito de disseminar reflexões acerca de diversas temáticas relativas às muitas formas da violência contra a mulher, a literatura se torna uma ferramenta imprescindível, pois contribui efetivamente na construção e formação social.

1 Textos literários: contribuição para a construção da cidadania

Creio que a leitura é capaz de ampliar os conhecimentos e ampliar o significado da vida dos seres humanos que, por sua vez, buscam novas perspectivas à sua existência através dos conhecimentos obtidos por meio desta prática. A transmissão do conhecimento cientificamente produzido e historicamente acumulado se faz através da leitura e isso exemplifica sua relevância social. A prática da leitura se constitui uma via de diálogo, de questionamento e de descoberta.

Além de atuar como fonte de informação, a leitura assume um caráter de suma importância na formação do indivíduo, pois têm a propriedade de despertar a busca, a descoberta, o conhecimento, a transformação, a construção da cidadania, dentre muitos outros processos emocionais e intelectuais significativos, tornando-se indispensável para a interação social do ser .

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções lingüísticas, ao contexto social, à política. (NUNES, 1994, p.14).

Ao referir-se ao ato de ler, Paulo Freire destaca que “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (A importância do ato de ler. São Paulo. Cortez. 1986. p.11). Assim, a leitura nos leva a delinear novos horizontes e a perceber o mundo existente por detrás das palavras, o que pode motivar novas ações e posturas.

Sabemos que a construção da consciência da humanidade se dá a partir da projeção de objetivos e ideais individuais que socialmente se tornam coletivos. A ampliação de sonhos e ideais pode se respaldar na expansão para além do que é fato, para a obtenção de novos conceitos e novas experiências. A prática da leitura vem confirmar esta ação social sendo que através desses atributos o seu exercício pode tornar-se um canal importante para o desenvolvimento da sensibilidade e das potencialidades humanas, contribuindo essencialmente para a construção (da humanidade histórica e social. de um mundo mais equilibrado e justo.

Esta abordagem relativa à leitura vem ratificar a relevância das temáticas a serem tratadas, pois demonstra que a obra literária tem também a função de conscientizar e orientar o seu leitor ampliando sua visão, edificando a cidadania.

Tal pressuposto respalda este estudo, pois ao notar a referência dada à figura feminina nos textos literários e ao observar os detalhes dessas personagens o leitor poderá tecer uma análise do perfil da mulher em situações distintas, tanto no que se refere ao período histórico e social em que se vivencia, como nos perfis apresentados nestas narrativas literárias.

Deste modo, espera-se que a análise dos contos selecionados levem o leitor a refletir, reavaliar seus conceitos acerca dos relacionamentos, o que pode levá-lo a adotar novas maneiras de conceber a convivência entre homem e mulher, tentando superar preconceitos e atitudes sociais que geram violência.

2 A violência contra a mulher retratada em contos

Considerando que a literatura está repleta de personagens do gênero feminino e que atualmente as mulheres ocupam posição de igualdade em diversos setores da sociedade, é oportuno pesquisar e discutir o fato de que o machismo persista e que a violência social ainda defina, em muitos casos, um perfil feminino de obediência.

Quando se observa a evolução histórica da sociedade, verifica-se que desde os primórdios da humanidade ocorrem as lutas femininas em busca da igualdade de direitos. A literatura não se abstém dessa temática e deixa sua contribuição ao retratar de forma clara e objetiva a condição de servidão e silêncio já sofrida pela figura feminina no decorrer da história e ainda percebida nos dias atuais. Neste sentido, Sandra Alves Moura de Jesus menciona também em seu artigo essa condição feminina:

Na esfera social e no contexto histórico, ao longo do tempo, a mulher ocidental ocupa espaços e lugares diferentes do homem e continua sendo vista como ser doméstico e também como objeto sexual. Nas escolas, através da educação formal, os veículos de comunicação, bem como a religião, tem favorecido para a reprodução de uma ideologia patriarcal que transpõe todas as esferas da sociedade e reforça a submissão das mulheres. (A MULHER E A HISTÓRIA: Um Papel Desigual. Práxis: revista eletrônica de História e Educação. - n. 3 (2005). Salvador, Faculdades Jorge Amado, 2004.

Esses fatos ainda percebidos no dia-a-dia que refletem a situação de sofrimento e maus tratos a que são submetidas muitas mulheres de maneira que se faz necessário a prática de leituras e pesquisas que abordem essa temática e que possam oportunizar à sociedade uma melhor formação cultural e , no tocante às

mulheres, promovam uma maior consciência do seu papel, para que possam usufruir de igualdade e respeito.

Devido ao nosso interesse em facilitar e difundir a compreensão das mensagens que os textos mimetizam, para que possa acontecer uma conscientização, uma mudança de atitudes e valores que contribuam de forma efetiva contra a violência a que a mulher está exposta, analisamos a seguir os perfis femininos em algumas narrativas selecionadas.

2.1 *Para que ninguém a quisesse*

O conto “*Para que ninguém a quisesse*”³, de Marina Colasanti, nos apresenta um marido que por excesso de ciúme ordena à bela esposa que deixe de usar as roupas e complementos de beleza que gostava:

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos...

Ela, aos poucos, vai deixando para trás sua feminilidade e assume a postura imposta pelo marido. “*Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas (...) Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom.*” Notando a apatia da esposa, o esposo tenta estimular a mulher a resgatar o seu charme feminino. Porém, mesmo com presentes que incitavam esse resgate, ela não conseguiu voltar a ser o que era, enquanto mulher.

Ao longo da narrativa fica explícito que a esposa foi perdendo sua auto-estima, o entusiasmo, e vai se deixando dominar, até que desaprende a ser ela mesma. Verifica-se que mesmo após o empenho do marido, trazendo um batom, uma rosa, um corte de seda, para tentar resgatar a vivacidade da esposa, tudo o que nela havia de sedutor já havia sucumbido aos atos autoritários que dele recebeu, como demonstra o fragmento a seguir: “*E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda*”.

³ Conto disponível no anexo I para leitura.

Percebe-se que sua vida se restringia aos cantos da casa, não mais existia vida social e nem motivação para reagir diante da situação infeliz a que foi submetida. O fato de percebermos a esposa apenas a andar pelos cômodos do lar nos leva a pensar que a personagem feminina restringia sua vida aos cuidados domésticos e isso manifestava uma espécie de dependência e obediência ao esposo.

O poder e o domínio do marido sobre a esposa é evidente, bem como a sujeição desta ao aceitar e atender aos desejos dele, tornando-se uma sombra a andar de um lado a outro, desprovida de sua beleza peculiar e desinteressada de tudo que antes lhe era atraente. Pode-se afirmar que há, neste caso, uma violência camouflada, em que inexiste agressão verbal ou física, mas que se manifesta através da manipulação psicológica do marido que altera profundamente a conduta feminina.

2.2 - *Penélope*

No conto “Penélope”, de Dalton Trevisan, a relação, aparentemente tranquila, de um casal fica estremecida quando começam a chegar à residência cartas anônimas, que o marido supõe que sejam destinadas à esposa.

Nota-se, então, que a desconfiança surge e o relacionamento fica permeado de frieza e distanciamento. Com tantas suspeitas por parte do marido, a esposa deixa de sair para passear aos sábados e se deprime. Vive um período de reclusão, em que a vida social para ela inexiste. A permanência dentro da própria casa a leva a se ocupar dos cuidados domésticos e a tecer, fazendo e refazendo uma toalhinha.

É possível observar no conto em questão um posicionamento por vezes machista do marido ao verificarmos, durante a leitura, que a esposa vivia dentro de casa fazendo as tarefas domésticas e saía de casa apenas com ele aos sábados. Logo após inicia-se uma tortura psicológica contra essa figura feminina, a partir do momento em que o marido, tomado pelo ciúme, passou a desconfiar de forma veemente da sua fidelidade.

Assim, diante do drama da infidelidade, a relação dos dois perde todo o encanto, o marido que antes era presente e até a auxiliava nos afazeres domésticos, torna-se ausente, passa a ignorá-la e a julgá-la a partir da suposição de um caso extraconjugal, demonstrado no trecho “*Às vezes, quando chega em casa ela não o espera mais no portão (...) A casa está silenciosa...*”

A esposa, atormentada pela desconfiança e desprezo do marido, não mais conversava, não mais saía de casa. Aquela insensatez do marido, aquela falta de diálogo foi levando-a a uma angústia tão grande que seus dias se resumiam em tecer aquela toalhinha, o que seria uma mortalha, sempre envolta numa rede. Havia meses assim, fazendo e desfazendo pontos, numa rotina que demonstrava o seu desencanto pela vida e o seu lento suicídio, até o dia que de fato apodera-se de uma arma e põe fim àquele sofrimento.

O marido agiu friamente diante da morte da esposa, como se a sua honra estivesse limpa agora, mesmo com a incerteza de traição, mesmo depois de perceber que as cartas continuavam a ser enviadas, após a morte da esposa: “*A mulher pagou pelo crime. Ou — de repente o alarido no peito — acaso inocente? A carta jogada sob outras portas... Por engano na sua.*”

2.3 *Porém igualmente*

No conto *Porém igualmente*, de Marina Colasanti, a personagem feminina sofre agressões físicas por parte do marido bêbado, não havendo reação dela, ou dos vizinhos e parentes que a tudo assistem, passivamente. “*É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando. É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.*” Até o dia em que ele exagera na violência e acaba colocando fim ao contínuo sofrimento e à vida da esposa.

Porém igualmente, apesar de ser um mini conto, revela de forma intensa a retratação da passividade da mulher em relação ao homem e, em poucas linhas, insinua que pelo fato do homem ser o provedor da família, o detentor do poder, a mulher sente-se imobilizada, pois não houve nem uma reação por parte dela que lhe permitisse libertar-se da fúria do marido.

A mesma concepção, de optar pela omissão, também é percebida nas pessoas que se avizinham, que não tomam quaisquer providências, pois nenhuma ação existe diante das cenas de violência.

As cenas se repetem. Isso é demonstrado com os verbos de ação contínua “apanhando” e “sangrando” utilizados. Finalmente todos presenciam o ato criminal que encerram as sessões de violência: a morte da esposa . Parecem surpreendidos e talvez indignados com a situação, **porém igualmente omissos.**

2.4 O estripador

Dalton Trevisan apresenta em seu conto “O estripador” cenas grotescas e cruéis da violência sofrida por uma personagem feminina, evangélica, que ao voltar de sua igreja foi abordada por um tipo mal-encarado que, em poder de uma faca a ameaçava por debaixo da jaqueta, dizendo a princípio ser um assalto e depois a levou para tomarem um ônibus e depois outro, até que a encaminhou para um terreno baldio e ela, com aquele sofrimento, sem poder reagir ou gritar, pois já não tinha forças, apenas suplicando-lhe que a pouasse de tal violência e mesmo assim ele a dominou sem piedade e de forma brutal foi obrigando-a a ceder às vontades sexuais dele.

Ao final, ela apesar de ferida, foi estripada novamente, ou rasgada, rebentada, ela que se guardava para o seu noivo. O rapaz, que por um momento ela conseguiu enxergar, era grandão, gordo, de bigode negro, se dizia evangélico como ela, e solicitou que ela lesse o salmo 130. Antes de deixá-la, disse ainda que havia sido abandonado pela mãe quando criança e mais tarde pela esposa e por isso considerava todas as mulheres vagabundas.

O trecho a seguir destaca a forma perversa com que os atos de violência aconteceram: “*Pensa que teve dó, o bruto? Daí ela foi obrigada. Assim cansada, onde as forças de lutar e se defender? E fez com ela o que bem quis...*” Assim demonstra-se o abuso sexual e a força dominadora do macho perante a fragilidade da mulher, que indefesa é submetida à forma mais cruel de violência física e posteriormente, psicológica e moral.

As cenas, que se seguem na história, retratam tal violência sofrida pela personagem que, além de ferida, é abandonada pelo noivo e perde o seu emprego. *"Foram umas três semanas até sarar das rupturas, lesões e remendos. Não sabe ainda a resposta do exame para aids e hepatite. A patroa não a quis mais de babá. O noivo, esse? Sumiu."*

É possível perceber ainda que o fato da mulher não insistir para que o casamento ocorra revela que, mesmo sendo vítima, ela carrega a culpa pela violência sofrida e não busca por justiça, talvez pelo medo de atrair atenções que possam maximizar a humilhação que sente, prefere se calar.

A figura masculina apresentada pelo conto é a de um ser rude e grosseiro que, tomado pela ira e desejo de vingança, que se justifica pelo fato de ter sido abandonado pela mãe e pela esposa, é levado a praticar atos de violência sexual contra suas vítimas e essas, mulheres que, como a personagem desta história, apresenta-se frágil, desprotegida e assim vítima suscetível a tal violência. De forma enfurecida o macho estripa, dilacera e destroça o corpo e a honra de mulheres, às vezes mais de uma por noite, tentando satisfazer toda esta sede de vingança.

3 Considerações finais

Durante este trabalho, pudemos observar que as personagens femininas possuem perfis bastante semelhantes, considerando que se deixaram dominar e reprimir pela figura masculina e vivem em ambientes domésticos, restritos e/ou limitados, tendo sua rotina controlada e sendo submetidas ao sistema patriarcal.

Percebemos que as quatro personagens são conduzidas pelo poder masculino, não conseguem e nem tentam romper com este ambiente de dominação, não esboçando atitudes que possam reverter as situações que lhe são impostas. Agem como se o seu destino já estivesse determinado.

A protagonista de *Para que ninguém a quisesse* é obediente e limitada aos caprichos do marido, que se torna ciumento, exigente e controlador. A atitude dela se devia talvez ao fato de estar condicionada a seguir os padrões estabelecidos historicamente, segundo os quais a esposa deve assumir esse perfil de obediência.

Da mesma forma, a protagonista de *Penélope* se revela submissa ao aceitar de forma passiva as desconfianças do marido e permitir que sua vida se transforme dia após dia, se resumindo aos afazeres domésticos e ao tricô. Isso possivelmente porque, mesmo inconscientemente, entendia que deveria respeitar o modo de ser e agir do companheiro diante de quaisquer situação. {Bom!}

Não tão diferente agiu a figura feminina do mini conto *Porém igualmente*, que mesmo vivenciando momentos de violência permanecia calada, como uma santa. Trazia por certo a idéia tradicional e conservadora de que a esposa deve vivenciar o casamento submetendo-se ao marido que detém o poder controlador.

Por fim, temos a personagem do conto *O estripador*, com perfil um pouco diferenciado, considerando que sua vida não se restringe ao espaço da casa e à tarefa de esposa e, portanto, não havia essa inculcação de subserviência revelada pelas outras personagens. Ainda assim, ela se mostra insegura, frágil e deixa-se dominar pelo macho que, ao abordá-la violentamente, teve dela tudo o que buscou.

Dessa forma, podemos concluir que sob o olhar atento da figura masculina, essas mulheres não puderam se desenvolver psicologicamente e socialmente, mantendo poucas relações com o mundo exterior que não o de sua própria casa, aceitando as condições que lhe foram impostas e sendo tratadas por seus maridos como propriedade.

Ainda faz-se importante ressaltar, ao analisarmos os perfis femininos, que quaisquer das personagens que sofreram violência, nos distintos textos, teriam tido as mesmas atitudes, independentemente de idade, aspectos físicos, sociais e culturais, pois o que prevaleceu foi a subordinação à figura masculina, mesmo em situações que atentaram contra os seus direitos, que antes de femininos são humanos.

A riqueza das temáticas elencadas nos contos subsidia um trabalho orientado para estudos que promovam a integração entre a língua e a sociedade, e principalmente instiga o debate e promove uma maior reflexão e conscientização sobre os papéis da mulher na sociedade atual, direitos humanos e outros que contribuirão para a construção ou a solidificação da cidadania.

4 Referências

ALVES, Regina Célia & RONQUI, Angela Simone. **A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti.** Juiz de Fora: Ipotesi, v. 13, n. 2, p. 127 - 133, jul./dez. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã; Para que ninguém a quisesse; Porém igualmente. In.: **Um espinho de Marfim & outras histórias.** Porto Alegre: L&PM, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo. Cortez. 1986. p.11.

JESUS, Sandra Alves moura de. **A mulher e a história: um papel desigual.** Práxis: revista eletrônica de História e Educação. - n. 3 (2005). Salvador, Faculdades Jorge Amado, 2004.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial.** São Paulo: UNICAMP, 1994.

PEDROSA, Andressa Teixeira. **A Moça Tecelã: uma voz dissonantemente transgressora.** In.: RESET – Revista Eletrônica do Secretariado Executivo Trilíngue; V.1, N.2: 26-3, 2008.

TREVISAN, Dalton. O estripador. In.: **35 noites de paixão: contos escolhidos,** Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

_____. Penélope. Acesso http://www.releituras.com/dalontrevisan_penelope.asp

ANEXO I

PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE

(Marina Colasanti)

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as jóias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos. Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquia como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair. Tão esquia se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras. Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos. Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido numa gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

PENÉLOPE

(Dalton Trevisan)

Naquela rua mora um casal de velhos. A mulher espera o marido na varanda, tricoteia em sua cadeira de balanço. Quando ele chega ao portão, ela está de pé, agulhas cruzadas na cestinha. Ele atravessa o pequeno jardim e, no limiar da porta, beija-a de olho fechado.

Sempre juntos, a lidar no quintal, ele entre as couves, ela no canteiro de malvas. Pela janela da cozinha, os vizinhos podem ver que o marido enxuga a louça. No sábado, saem a passeio, ela, gorda, de olhos azuis e ele, magro, de preto. No verão, a mulher usa um vestido branco, fora de moda; ele ainda de preto. Mistério a sua vida; sabe-se vagamente, anos atrás, um desastre, os filhos mortos. Desertando casa, túmulo, bicho, os velhos mudam-se para Curitiba.

Só os dois, sem cachorro, gato, passarinhos. Por vezes, na ausência do marido, ela traz um osso ao cão vagabundo que cheira o portão. Engorda uma galinha, logo se enternece, incapaz de mata-la. O homem desmancha o galinheiro e, no lugar, ergue-se caco feroz. Arranca a única roseira no canto do jardim. Nem a uma rosa concede o seu resto de amor.

Além do sábado, não saem de casa, o velho fumando cachimbo, a velha trançando agulhas. Até o dia em que, abrindo a porta, de volta do passeio, acham a seus pés uma carta. Ninguém lhes escreve, parente ou amigo no mundo. O envelope azul, sem endereço. A mulher propõe queimá-lo, já sofridos demais. Pessoa alguma lhes pode fazer mal, ele responde.

Não queima a carta, esquecida na mesa. Sentam-se sob o abajur da sala, ela com o tricô, ele com o jornal. A dona baixa a cabeça, morde uma agulha, com a outra conta os pontos e, olhar perdido, reconta a linha. O homem, jornal dobrado no joelho, lê duas vezes cada frase. O cachimbo apaga, não o acende, ouvindo o seco bater das agulhas. Abre enfim a carta. Duas palavras, em letra recortada de jornal. Nada mais, data ou assinatura. Estende o papel à mulher que, depois de ler, olha-o. Ela se põe de pé, a carta na ponta dos dedos.

— Que vai fazer?

— Queimar.

Não, ele acode. Enfia o bilhete no envelope, guarda no bolso. Ergue a toalhinha caída no chão e prossegue a leitura do jornal.

A dona recolhe a cestinha, o fio e as agulhas.

— Não ligue, minha velha. Uma carta jogada em todas as portas.

O canto das sereias chega ao coração dos velhos? Esquece o papel no bolso, outra semana passa. No sábado, antes de abrir a porta, sabe da carta à espera. A mulher pisa-a, fingindo que não vê. Ele a apanha e mete no bolso.

Ombros curvados, contando a mesma linha, ela pergunta:

- Não vai ler?

Por cima do jornal admira a cabeça querida, sem cabelo branco, os olhos que, apesar dos anos, azuis como no primeiro dia.

— Já sei o que diz.

— Por que não queima?

É um jogo, e exibe a carta: nenhum endereço. Abre-a, duas palavras recortadas. Sopra o envelope, sacode-o sobre o tapete, mais nada. Coleciona-a com a outra e, ao dobrar o jornal, a amiga desmancha um ponto errado na toalhinha.

Acorda no meio da noite, salta da cama, vai olhar à janela. Afasta a cortina, ali na sombra um vulto de homem. Mão crispada, até o outro ir-se embora.

Sábado seguinte, durante o passeio, lhe ocorre: só ele recebe a carta? Pode ser engano, não tem direção. Ao menos citasse nome, data, um lugar. Range a porta, lá está: azul. No bolso com as outras, abre o jornal. Voltando as folhas, surpreende o rosto debruçado sobre as agulhas. Toalhinha difícil, trabalhada havia meses. Recorda a legenda de Penélope, que desfaz a noite, à luz do archote, as linhas acabadas no dia e assim ganha tempo de seus pretendentes. Cala-se no meio da história: ao marido ausente enganou Penélope? Para quem trançava a mortalha? Continuou a lida nas agulhas após o regresso de Ulisses?

No banheiro fecha a porta, rompe o envelope. Duas palavras... Imagina um plano? Guarda a carta e dentro dela um fio de cabelo. Pendura o paletó no cabide, o papel visível no bolso. A mulher deixa na soleira a garrafa de leite, ele vai-se deitar. Pela manhã examina o envelope: parece intacto, no mesmo lugar. Esquadrinha-o em busca do cabelo branco — não achou.

Desde a rua vigia os passos da mulher dentro de casa. Ela vai encontrá-lo no portão — no olho o reflexo da gravata do outro. Ah, erguer-lhe o cabelo da nuca, se não tem sinais de dente... Na ausência dela, abre o guarda-roupa enterra a cabeça

nos vestidos. Atrás da cortina espiona os tipos que cruzam a calçada. Conhece o leiteiro e o padeiro, moços, de sorrisos falsos.

Reconstitui os gestos da amiga: pós nos móveis, a terra nos vasos de violetas úmida ou seca... Pela toalhinha marca o tempo. Sabe quantas linhas a mulher tricoteia e quando, errando o ponto, deve desmanchá-lo, antes mesmo de contar na ponta da agulha.

Sem prova contra ela, nunca revelou o fim de Penélope. Enquanto lê, observa o rosto na sombra do abajur. Ao ouvir passos, esgueirando-se na ponta dos pés, espreita à janela: a cortina machucada pela mão raivosa.

Afinal compra um revólver.

— Oh, meu Deus... Para quê? — espanta-se a companheira.

Ele refere o número de ladrões na cidade. Exige conta de antigos presentes. Não fará toalhinhas para o amante vender? No serão, o jornal aberto no joelho, vigia a mulher — o rosto, o vestido — atrás da marca do outro: ela erra o ponto, tem de desmanchar a linha.

Aguarda-o na varanda. Se não a conhecesse, ele passa diante da casa. Na volta, sente os cheiros no ar, corre o dedo sobre os móveis, apalpa a terra das violetas — sabe onde está a mulher.

De madrugada acorda, o travesseiro ainda quente da outra cabeça. Sob a porta, uma luz na sala. Faz o seu tricô, sempre a toalhinha. É Penélope a desfazer na noite o trabalho de mais um dia?

Erguendo os olhos, a mulher dá com o revólver. Batem as agulhas, sem fio. Jamais soube por que a poupou. Assim que se deitam, ele cai em sono profundo.

Havia um primo no passado... Jura em vão, a amiga: o primo aos onze anos morto de tifo. No serão ele retira as cartas do bolso — são muitas, uma de cada sábado — e lê, entre dentes, uma por uma.

Por que não em casa no sábado, atrás da cortina, dar de cara com o maldito? Não, sente falta do bilhete. A correspondência entre o primo e ele, o corno manso; um jogo, onde no fim o vencedor. Um dia tudo o outro revelará, forçoso não interrompê-la.

No portão dá o braço à companheira, não se falam durante o passeio, sem parar diante das vitrinas. De regresso, apanha o envelope e, antes de abri-lo, anda com ele pela casa. Em seguida esconde um cabelo na dobra, deixa-o na mesa.

Acha sempre o cabelo, nunca mais a mulher decifrou as duas palavras. Ou — ele se pergunta, com nova ruga na testa — descobriu a arte de ler sem desmanchar a teia?

Uma tarde abre a porta e aspira o ar. Desliza o dedo sobre os móveis: pó. Tateia a terra dos vasos: seca. Direto ao quarto de janelas fechadas e acende a luz. A velha ali na cama, revólver na mão, vestido brando ensanguentado. Deixa-a de olho aberto.

Piedade não sente, foi justo. A polícia o manda em paz, longe de casa à hora do suicídio. Quando sai o enterro, comentam os vizinhos a sua dor profunda, não chora. Segurando a alça do caixão, ajuda a baixá-lo na sepultura; antes de o coveiro acabar de cobri-lo, vai-se embora.

Entra na sala, vê a toalhinha na mesa — a toalhinha de tricô. Penélope havia concluído a obra, era a própria mortalha que tecia — o marido em casa.

Acende o abajur de franja verde. Sobre a poltrona, as agulhas cruzadas na cestinha. É sábado, sim. Pessoa alguma lhe pode fazer mal. A mulher pagou pelo crime. Ou — de repente o alarido no peito — acaso inocente? A carta jogada sob outras portas... Por engano na sua.

Um meio de saber, envelhecerá tranqüilo. A ele destinadas, não virão, com a mulher morta, nunca mais. Aquela foi a última — o outro havia tremido ao encontrar porta e janela abertas. Teria visto o carro funerário no portão. Acompanhado, ninguém sabe, o enterro. Um dos que o acotovelaram ao ser descido o caixão — uma pocinha d'água no fundo da cova.

Sai de casa, como todo sábado. O braço dobrado, hábito de dá-lo à amiga em tantos anos. Diante da vitrina com vestidos, alguns brancos, o peso da mão dela. Sorri desdenhoso da sua vaidade, ainda morta...

Os dois degraus da varanda — “Fui justo”, repete, “fui justo” —, com mão firme gira a chave. Abre a porta, pisa na carta e, sentando-se na poltrona, lê o jornal em voz alta para não ouvir os gritos do silêncio.

PORÉM IGUALMENTE

(Marina Colasanti)

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.

É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.

Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o vôo de sua trajetória.

O ESTRIPADOR

(Dalton Trevisan)

No sábado, pelas cinco da tarde, a moça voltava da Igreja Adventista Filhos de Jesus. Pouco antes da casa da patroa, viu o tipo mal-encarado. Correndinha atravessou a rua.

A casa tem muros altos e um pequeno corredor na entrada. Com a chave na mão, diante da porta, foi alcançada pelo cara, que lhe encostou uma faca na cintura:

- Nem um pio. Que eu te furo!

Um dia frio, ela estava de jaqueta, mesmo assim doeu fininho. O cara apertou mais a arma:

- É um assalto. Dá a bolsa.

Ela estendeu a pobre bolsa: sete reais em notas e moedas. O tipo achou pouco.

Graças a Deus, vinha um casal na sua direção.

- Bem quieta, você. Feche a bolsa.

Daí passou o caminhão do lixo. Ela tentou fazer um sinal. O cara percebeu, e cutucando o punhal:

- Olha pra cá.

Disfarçando, ele acenou para o lixeiro, pendurado ali no estribo:

- Oi, tudo bem?

Em seguida surgiu um ônibus amarelão. Ele ignorou. À espera do seguinte, no sentido bairro. Voz forte e grossa:

- Você vem comigo. Ou te sangro aqui mesmo!

Suplicante, ela retorcia as mãos:

- Sou a babá do menino. Ele está doentinho. Precisa de mim.

Girava no dedo o anel: confessar que era noiva?

Em pânico, obrigada a subir com ele no ônibus. Perna trêmula, abriu a boca para gritar... E tinha perdido a voz. Da boca aberta nadinha de som.

Mas o seu coração dava berros.

Ficaram de pé. Ela sentia a faca ali furando a jaqueta nova de couro. No terceiro ponto, ele tocou a campainha. Os dois desceram.

Andaram duas quadras. Ele viu o terreno baldio. Lá nos fundos, uma e outra casa. Ainda era dia claro:

- Não. Aqui, não.

O tempo inteiro rezava muda. Todas as preces numa só palavra - Jesus. Entregou a alma ao Filho e ao Pai.

Ele caminhava depressa. Agarrava-a com força pelo braço. Outro terreno vazio. Só uma casa de porta e janelas fechadas. Assim que avançaram, a luz da varanda foi acesa. Ele bateu em retirada.

Mais um terreno com pessoas nas casas. Ele continuou a busca.

Lá adiante:

- É aqui.

Tudo deserto. Noitinha. Um barraco sem ninguém.

Até então, fé e esperança haviam-na amparado. Caiu em desespero.

- Tire a roupa.

Ela não queria. Fechou bem as pernas. Ele ergueu a lâmina e rasgou a manga do blusão.

- Pra mim, matar é fácil. Escolha.

A moça tremia toda. Chorava muito. De joelho e mão posta:

- Tenha dó. Em nome de Jesus Cristinho. Leve a bolsa e a jaqueta. Por favor. Só me deixe ir.

Pensa que teve dó, o bruto? Daí ela foi obrigada. Tanta confusão, a pobre tinha andado pra cá pra lá, sem parar. Assim cansada, onde as forças de lutar e se defender?

E fez com ela o que bem quis. Fez isso.

- Os dentes, não. Sem os dentes, sua...

Mais isso.

- Abra. Mais. Senão eu...

Rasgou e rebentou. Uma brasa viva entre as pernas. Mais aquilo.

- Se vire. Não. Assim.

Estripou. A coitada que, virgem, se guardava para o noivo, cuja vida era de casa para a igreja e da igreja para casa.

Só a deixou depois de toda ensanguentada. Foi de tal violência. Aproveitou o mais que pôde. Uma carnificina.

Já era noite. Mas tinha gente passando ao longe. Um casal de conversa lá na rua. Se ela gritasse, alguém devia escutar e acudir. O bandido adivinhou na hora:

- Nem pense nisso!

E espetando a maldita faca no peito nu:

- Quer ver sangue?

Sem ela esperar, começou tudo outra vez. O tipo se serviu bem direitinho. Ainda mais ferida e machucada.

Um carro parou adiante na rua. Faróis apagados. Ele achou perigoso. Mandou que ela se vestisse.

Já arrumados, o cara bem sério:

- Abra o Livro no Salmo 130.

Tal o espanto, a moça ergueu os olhos. E primeira vez ela viu quem era: grandão, meio gordo, bigodão negro.

Certo que abriu a Bíblia, mas você tem voz? Nem ela, ainda mais no escuro. Ele então buscou a sua no bolso, pequena assim. Ao clarão da lua, movia os lábios, sem palavras - estava lendo ou sabia-o de cor?

Disse que também era evangélico. Abandonado em criança pela mãe. E, depois de casado, pela Maria - a única de quem gostou. O amor, essa coisa, sabe como é. Todas as mulheres eram vagabundas. Ele disse outra palavra. Para se vingar, caçava as moças na rua. Se não fosse ela, tinha sido outra. Às vezes, atacava duas no mesmo dia.

- Não tenho nada a perder.

Foram andando a par. Já não a tocava. De repente:

- Agora vá.

Devia ficar contente por deixá-la viva. E agradecida ao Menino Jesus, podia ter sido pior.

- Não olhe pra trás.

A pobrinha chegou em casa pelas onze e meia da noite. Arrastava os pés, toda torta e gemente. Sangrando pelos nove orifícios do corpo.

Trazia o relógio de pulso e o anel de noiva. Por eles o tipo não se interessou. Só pelo dinheiro. Achou pouco sete reais. Mas levou assim mesmo.

Foram umas três semanas até sarar das rupturas, lesões e remendos. Não sabe ainda a resposta do exame para aids e hepatite.

A patroa não a quis mais de babá. O noivo, esse? Sumiu. Está custoso achar novo emprego. E nunca pôde reler o Salmo 130. Quando chega a sua vez, fecha os olhos e salta a página.

Dá uivos, meu coração nu. Esse bigodão negro e a golfada de fel e cinza na boca.

Do Salmo 130 se livrou.

E como evitar a hora fatídica das cinco da tarde? Que se repete, sem falta. O dia inteiro são sempre cinco da tarde. Cinco horas paradas no seu reloginho de pulso.

Os ferimentos cicatrizaram, é verdade. Mas nunca ficou boa. E nunca mais foi a mesma.

Dalton Trevisan